Conclusão

Uma primeira constatação que fazemos, após todo o nosso percurso até aqui, é quanto à coerência que se pode encontrar na organização do Livro de Malaquias. A despeito do possível processo de composição pelo qual o escrito tenha passado, como, de um modo geral, os estudiosos reconhecem que acontece com todos os livros e seções da Escritura, o Livro de Malaquias não é um mero aglomerado de perícopes nem uma simples reunião aleatória de passagens, mas uma composição bem pensada. O Livro de Malaquias possui, assim, não só uma riqueza teológica que tem sido descoberta de maneira cada vez mais clara, mas também uma beleza literária que merece nossa admiração.

Voltando nossa atenção, a seguir, para a investigação das relações da última perícope de Malaquias com o conjunto dos Doze Profetas e com o próprio Livro de Malaquias, a fim de ver como ela funciona, como texto conclusivo que é, constatamos, primeiramente, que a perícope de MI 3.13-21 é bastante original em relação às demais do conjunto dos Doze Profetas. Não parece influenciada por nenhuma outra, visto que nenhuma das expressões que utiliza provém diretamente de alguma passagem do conjunto dos Doze, a despeito do grande número de termos comuns entre elas. Há, contudo, no texto estudado, pontos de contato temáticos com outros textos dos Doze, como o motivo do dia de YHWH.

Na comparação da abordagem do tema do dia de YHWH feita em MI 3.13-21 e no Livro de Joel – escolhido como termo de comparação por ser comumente situado no pós-exílio, como o Livro de Malaquias, por ser o escrito dos Doze em que mais ocorre o motivo do dia de YHWH, e por oferecer vários pontos de contato terminológicos com Malaquias –, verificou-se que a perícope de Malaquias faz uma utilização bem peculiar do motivo. Isto pode ser afirmado por diversas razões. Primeiramente, pelo fato de que, enquanto que o Livro de Joel enfatiza a questão da proximidade do dia de YHWH, o Livro de Malaquias, e particularmente a perícope estudada, não se detém na questão do quando da vinda desse

dia. Em segundo lugar, pelo fato de que as imagens usadas em Malaquias são mais sóbrias, por assim dizer, do que as encontradas em Joel, que fala de sinais extraordinários no cosmos antecedendo a vinda do dia de YHWH, e serve-se de imagens de guerra contra as nações, com participação do povo na destruição de seus inimigos, ao passo que, na perspectiva de Ml 3.13-21, o dia vem sem sinais prévios, e produz seus efeitos sem nenhuma colaboração humana, consumindo os ímpios sem deixar-lhes nenhum resto. E, sobretudo, pelo fato de que, em Joel, estabelece-se um juízo externo entre salvos e destruídos, ou seja, o povo como um todo é salvo, as nações como um todo são destruídas, enquanto que, na última perícopes de Malaquias, o juízo trazido pelo dia de YHWH é interno, isto é, os justos que são salvos e os ímpios que são destruídos pertencem ao povo de Deus, à comunidade judaica pós-exílica.

Mas, pelo próprio fato de a perícopes de Ml 3.13-21 abordar esse tema do dia de YHWH, tão característico do grupo de escritos em que o Livro de Malaquias se insere, não se pode afirmar que o autor da perícopes o tenha feito sem consciência desse fio temático que percorre todo o rolo dos Doze. Antes, ele deve ter tido conhecimento da tradição que lhe era anterior, trabalhando a partir dela e sobre ela, para oferecer sua própria contribuição.

Isto não significa dizer que a perícopes de Ml 3.13-21 tenha sido composta para concluir todo o conjunto dos Doze. Ela parece antes ter sido concebida como conclusão do próprio Livro de Malaquias, visto que seus pontos de contato mais fortes se encontram dentro do escrito do qual faz parte, sobretudo com a primeira perícopes (1.2-5), que também se serve do motivo do contraste (Jacó/Israel – Esaú-Edom) e com a quarta (2.17-3.5), que também trata de uma questão de teodicéia, questionando a justiça de Deus, e também fala da vinda de YHWH num determinado dia para juízo. O fato de a sexta perícopes do Livro de Malaquias apresentar uma perspectiva de juízo distinta daquela da quarta perícopes (que fala de um juízo de purificação do sacerdócio, e não de um juízo de separação entre justos e ímpios no interior do povo) também parece falar em favor de uma relação entre elas.

Mas o fato de a perícopes de Ml 3.13-21 parecer mais ligada ao Livro de Malaquias do que ao conjunto dos Doze não implica em que seu autor não tivesse consciência de outros textos desse conjunto. É possível, e mesmo provável, que ele tenha trabalhado sem perder de vista outros textos fora de Malaquias, aos quais se liga tanto terminológica quanto tematicamente, textos dos quais o autor do Livro de Malaquias deve ter tido conhecimento

e com os quais ela dialoga, sendo parte de uma corrente de tradição profética que lhe é anterior.

O fato de a perícopes de MI 3.13-21 estar mais próxima do restante do escrito em que se encontra do que de outros escritos que compõem o conjunto dos Doze parece falar em favor da independência do Livro de Malaquias em relação aos outros livros que fazem parte desse rolo profético. Isto obrigaria a relativizar as conclusões dos estudiosos que pensam que o Livro de Malaquias foi concebido para ocupar o lugar em que se encontra nos Doze, não tendo tido nenhuma existência independente, como propõem, por exemplo, Nogalski e Bosshard/Kratz, além de mostrar a importância de se estudar as perícopes do rolo dos Doze não só no contexto maior dos Doze, mas também no do próprio escrito do qual fazem parte, para obter maior clareza na compreensão da problemática dos Doze. No caso particular da perícopes estudada, não obstante seus inegáveis contatos terminológicos e temáticos com outros textos dos Doze, há significativas diferenças, que não podem ser ignoradas, e que não permitem conclusões peremptórias a respeito da relação do Livro de Malaquias com o conjunto dos Doze.

Este trabalho poderia ser continuado em outras direções, a partir de vários pontos em aberto, que apenas apontamos aqui como sugestão para trabalhos posteriores. Poder-se-ia investigar, por exemplo, as relações do texto estudado com o Livro de Zacarias, particularmente com sua segunda parte, o chamado Dêutero-Zacarias (9-14), com o qual MI 3.13-21 também apresenta diversos pontos de contato terminológicos.

No que tange à natureza do Livro de Malaquias, uma questão que merece atenção é a de buscar saber se se trata inicialmente de pregação oral posteriormente colocada e conservada por escrito ou de pregação escrita desde o princípio.

No âmbito formal, carece de aprofundamento a questão do gênero literário das perícopes do Livro de Malaquias.

No tocante ao conteúdo teológico da perícopes estudada, poder-se-ia analisar mais a fundo a expectativa de recompensa e castigo futuros veiculada por MI 3.13-21, um texto tão interessado na questão da justiça divina, que trabalha numa perspectiva intra-histórica, de retribuição imanente, sem problematizar o destino dos que já morreram, sobretudo aqueles com relação aos quais a justiça divina não foi feita na vida nesta terra, ou seja, os justos que não tiveram em vida sua justiça reconhecida, os ímpios que morreram na sua prosperidade,

os sofrendores inocentes. A resposta que o texto oferece, portanto, não pode ser considerada inteiramente satisfatória, pois falta-lhe a esperança da ressurreição e da vida eterna.

Outro ponto interessante para maior aprofundamento é a visão de uma esperança não-messiânica apresentada pelo texto de MI 3.13-21, ou seja, uma esperança não vinculada a uma figura real, como fazem tantos outros textos do corpus profético.